

Estará o PSD “entregue” a parasitas?

Por Luís Melo

Publicado em Fevereiro 2018 no [Era Mais Um Fino](#)

O congresso do PSD deixou bem evidente o nível (ou falta dele) a que chegaram os quadros do partido. Desenganem-se aqueles que pensam que estou a falar de Elina Fraga (por quem não morro de amores, muito pelo contrário) que acabou por ser o bode expiatório que a comunicação “dita” social e a oposição interna procuravam. Refiro-me aos parasitas que militam no partido e andam na política, com um foco apenas – o seu interesse pessoal.

Também deixou evidente a cada vez mais gritante inutilidade dos congressos. Desenganem-se aqueles que pensam que estou a falar no formato ou competência do Congresso Nacional, a quem compete a definição da estratégia política. Refiro-me à sua desvirtuação, consequência da falta de nível dos quadros do partido, que transformaram o órgão supremo do PSD num circo e num desfile de vaidades e vontades. Onde se fala de tudo menos de estratégia e ideias.

Para mim, militante do PSD, deixa-me triste ver o meu partido neste estado lastimoso, onde o destaque é dado aos tais parasitas que só pensam em si mesmos, nos seus interesses e em jogos de dinheiro e poder. Tudo branqueado, e até aproveitado, por uma comunicação “dita” social subordinada, e uma opinião publicada indigente e vendida, que se aproveitam da cavalgante ignorância e desinteresse da sociedade para influenciar e enviesar opiniões e resultados.

Também me entristece, ver o foco da discussão e da notícia ser cada vez menos nas ideias e convicções, e cada vez mais fulanizado e centrado nas pessoas. De uma maneira extremamente selectiva, interesseira e desavergonhada. Veja-se como, dadas as circunstâncias, uma pessoa como Miguel Relvas passa de maior cacique e fraude, a senador capaz de lançar putativos candidatos. E como Salvador Malheiro passa de respeitado Professor Universitário e competente Presidente da Câmara, a cacique.

É desconcertante ver um congresso ser dominado por gente como Miguel Pinto Luz ou Luís Montenegro. Quem?! Isso mesmo, parecem ser estas as “referências” e as “reservas” do PSD. Dois parasitas a quem já se vê a saliva a cair pelo canto da boca, a pensar em como minar a actual direcção com vista a um “assalto ao poder” depois das legislativas de 2019. É desesperante ver que não é brincadeira, nem eles estão sozinhos, e constatar que já têm seguidores e tropas.

Também é revelador ver que no jogo mediático e de notoriedade (que parece ser o único que interessa, capaz de eleger parasitas como José Sócrates ou Donald Trump), aqueles conseguem até ultrapassar outros que também se posicionam para a liderança do PSD, e que têm definitivamente mais méritos e experiência. Como Pedro Duarte ou Carlos Moedas, que não só têm a decência de o fazer com mais discrição, como também o fazem através do contributo de ideias.

Os quadros do PSD têm de se renovar, obrigatoriamente. Sem Miguel Veiga haja alguém que exalte o congresso, arranque aplausos da plateia, e faça o partido pensar. Sem Montalvão Machado haja alguém que saiba oferecer palavras sensatas e impôr algum equilíbrio. Alberto João Jardim já não devia ter obrigação de fazer o congresso ouvir a região autónoma e pensar ideologicamente o partido. Marcelo Rebelo de Sousa, Marques Mendes e até Pedro Passos Coelho abriram espaço.

Mas é absolutamente essencial que os novos quadros sejam, ou tenham potencial, para ser da mesma qualidade e competência, ou mesmo superior. É o mínimo que se exige. A fasquia deve ser sempre posicionada mais acima. Só assim o partido poderá inovar e contribuir para o desenvolvimento do país. Daí que teria sido essencial ver outros nomes em destaque. E há tantos no PSD. Eu conheço muitos. Infelizmente os militantes (e os portugueses) têm deixado que os parasitas tomem o partido de assalto.

Várias vezes cito Platão: “O preço a pagar por não te interessares por política, é seres governado pelos teus inferiores”

De mim, Rui Rio e a sua direcção, contam com todo o apoio e toda a força. Estou disponível (dentro das minhas possibilidades) para ajuda a mudar e transformar o partido, a partir de baixo, das bases.